

LEIA MULHERES: UM ATO DECOLONIAL DE (RE) EXISTÊNCIA NA LITERATURA

Thaís Mendes da Purificação¹
Iara Maria Adriano²
Daiana Fernanda Motta³
Ediely Maytan Freire Rodrigues⁴
Luana Boiani Leite⁵
Ana Carolina Teixeira Pinto⁶

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca fazer uma reflexão sobre a importância do clube de leitura “Leia Mulheres” enquanto ferramenta decolonial na promoção de vozes femininas na literatura. Para tanto, faz-se importante destacar que o movimento “Leia Mulheres” surgiu em 2015 e tem tido uma considerável expansão, desde então, abrangendo, atualmente, aproximadamente 180 núcleos espalhados pelas regiões do Brasil. No Estado do Paraná, o leia mulheres está presente nas respectivas cidades: Campo Mourão, Cascavel, Curitiba, Guarapuava, Londrina, Maringá, Pato Branco, Ponta Grossa, Realeza, Toledo e Umuarama. Na cidade de Realeza o movimento iniciou-se, em 2023, como um projeto guarda-chuva dentro do Projeto de Extensão Joanhina - é o que é - da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Realeza.

O clube de leitura emergiu da necessidade de se ler autoras mulheres, visto que, no espaço acadêmico, há a prevalência do cânone hegemônico masculino. Dentro disso, ressalta-se a relevância da existência do movimento, uma vez que, por meio dele é objetivado a divulgação de vozes femininas contemporâneas que, comumente, não são difundidas comercialmente na literatura. Dessa forma, a partir dos encontros do “Leia Mulheres”, os participantes têm a oportunidade de expandirem seus repertórios de leitura de livros de autoria feminina.

O projeto “Leia Mulheres”, em Realeza, é organizado pela professora Dra. Ana Carolina Teixeira Pinto, tendo seus encontros ocorrendo mensalmente nos espaços da UFFS Realeza. Além disso, as reuniões não se limitam ao público acadêmico, tendo em vista que o convite é, também, aberto a toda comunidade externa.

No primeiro semestre de 2024, propôs-se ler quatro obras de autoras brasileiras, sendo elas: *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (Conceição Evaristo), *Solitária* (Eliana Alves Cruz), *Tchau* (Lygia Bojunga) e *Véspera* (Carla Madeira). A seleção dessas autoras reflete uma perspectiva decolonial, visto que a prática de ler escritoras mulheres reflete o processo de rompimento com a lógica colonial e

¹ Mestranda no Programa de Pós Graduação em Letras (PPGL). Universidade Estadual do Oeste do Paraná. thaismendespuri@gmail.com

² Mestranda no Programa de Pós Graduação em Letras (PPGL), Universidade Estadual do Oeste do Paraná - *Campus* Cascavel, PR, Brasil. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). iaramaria108@gmail.com

³ Acadêmico(a) do Curso de Letras – 3ª Fase (UFFS) Universidade Federal da Fronteira Sul. dickeldaiana13@gmail.com

⁴ Acadêmico(a) do Curso de Letras - 3º Fase (UFFS) Universidade Federal da Fronteira Sul. ediely.freire28@gmail.com

⁵ Acadêmico(a) do Curso de Letras – 5º Fase (UFFS) Universidade Federal da Fronteira Sul. luhb.leite@gmail.com

⁶ Doutora pela Universidade Federal de Santa Catarina. Profa. do Curso de Português e Espanhol, Universidade Federal da Fronteira Sul - *campus* Realeza. anacarolina.pinto@uffs.edu.br

eurocêntrica que definiu, ao longo da história, o que seria considerado boa literatura bem como os autores que mereceriam serem lidos, ouvidos e estudados.

Dentro dessa ótica, destaca-se a relevância do ato de ler autoras negras, indígenas, periféricas e/ou nordestinas, pois desloca-se o centro do saber, considerando que, historicamente, tais vozes foram silenciadas pela academia e cânone literário que ainda é ocupado por homens brancos europeus.

1 METODOLOGIA

Esta pesquisa, de natureza teórica e abordagem qualitativa, busca refletir sobre o clube de leitura *Leia Mulheres* como uma prática decolonial, analisando seus sentidos culturais, políticos e simbólicos na valorização de vozes femininas na literatura. Com fins exploratórios e descritivos, a investigação fundamenta-se na documentação indireta, por meio de revisão bibliográfica e documental, envolvendo teorias sobre decolonialidade, estudos de gênero e crítica literária. Adota-se o método dialético, por sua capacidade de analisar contradições e disputas simbólicas nas práticas de leitura, articulado aos métodos histórico e comparativo, que permitem compreender o contexto de surgimento do clube e relacioná-lo a outras experiências semelhantes. Essa construção metodológica sustenta uma análise crítica que conecta teoria e prática, revelando o ato de ler como gesto político e de resistência.

Conclui-se, portanto, que o percurso metodológico delineado fundamenta-se em escolhas coerentes com os objetivos do estudo, possibilitando uma compreensão ampla e aprofundada da proposta investigativa. A seguir, serão apresentadas as categorias analíticas que nortearão a leitura crítica dos dados e reflexões teóricas ao longo do desenvolvimento do resumo expandido.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E/OU DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

O crítico literário Antonio Candido destaca que "a literatura não é uma representação fiel da realidade, mas um modo de organização dos elementos da realidade de acordo com a visão do mundo do autor e o contexto social e histórico em que ele vive." (CANDIDO, 2010, p.39). Dessa maneira, dentro da teoria decolonial, na literatura, há um enfoque crítico que busca reavaliar, reinterpretar e, muitas vezes, corrigir as narrativas tradicionais estabelecidas sobre obras literárias, autores ou períodos históricos. Sendo assim, essa abordagem teórica considera o contexto social, político e cultural que pode ter influenciado a criação e a recepção das obras, muitas vezes destacando perspectivas que foram marginalizadas ou ignoradas nas análises convencionais.

Dentro disso, GONZÁLEZ (2005) destaca que a literatura latino-americana, em certa medida, foi construída dentro de um sistema patriarcal, dessa forma, atribuiu-se ao gênero masculino o papel de protagonista enquanto as mulheres foram postas à margem do fazer literário. Dessa forma, restou ao gênero feminino ser representado a partir da ótica de autoria masculina, ou seja, sob um prisma de marginalização das mulheres enquanto escritoras e/ou personagens literárias.

Com base nessa concepção, a literatura feminina na América Latina torna-se um símbolo de (re) existência, visto que as autoras latinas são, constantemente, desafiadas a escrever em um espaço que, historicamente, lhes foi negado e, ainda hoje, no que se refere ao cânone literário, possui a hegemonia masculina. Dessa forma, a produção literária dessas mulheres reflete o que Ballestrin (2013) denomina giro colonial, como pode-se ver:

O giro decolonial propõe uma virada epistemológica que implica deslocar o locus de enunciação das teorias eurocentradas para as experiências históricas e sociais das populações subalternizadas, como indígenas, afrodescendentes, mulheres e outros grupos colonizados. (BALLESTRIN, 2013, p. 101)

Para Ballestrin (2013), o giro colonial é uma mudança na forma de se produzir e compreender o conhecimento, desafiando as formas eurocêtricas de produção do saber. O autor ainda propõe a construção de saberes a partir das perspectivas do Sul Global, especialmente das populações historicamente marginalizadas, como indígenas, afrodescendentes e outras comunidades oprimidas pelo colonialismo.

Aníbal Quijano (2005) explicita que “o eurocentrismo é, acima de tudo, uma perspectiva de conhecimento, cujo conteúdo sistemático consiste na naturalização da experiência europeia como medida de todas as outras.” (QUIJANO 2005, p.117). Dessa forma, o autor enfatiza que o eurocentrismo naturaliza a superioridade europeia e trata as sociedades não europeias como atrasadas ou primitivas, isto é, o Sul Global como um espaço não autorizado para criação de saberes. Ademais, Mignolo (2005) afirma que

A colonialidade do saber refere-se à forma como as estruturas de conhecimento coloniais foram impostas, marginalizando e desqualificando os saberes indígenas, africanos e outros modos de conhecer. O saber europeu foi naturalizado como universal e superior, e os saberes dos povos colonizados foram sistematicamente apagados ou desqualificados como irracionais e primitivos. (MIGNOLO, 2005, p.50)

Nesse contexto, movimentos como o “Leia Mulheres” possuem um papel fundamental de resistência à colonialidade do saber, visto que, por meio do grupo, há a promoção de leituras de autoras que são frequentemente excluídas do cânone literário tradicional. Nessa conjuntura, selecionar obras literárias escritas por mulheres, prioritariamente brasileiras, negras, indígenas e/ou periféricas, o projeto promove a ruptura da naturalização do saber europeu como superior e único meio de produção de conhecimento, conforme destacado por Mignolo (2005).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao longo dos encontros do grupo Leia mulheres, constatou-se que os participantes não conheciam as autoras bem como as obras literárias propostas no cronograma. Dessa forma, após os debates das reuniões, houve relatos positivos sobre a proposta de leitura, visto que, por meio dos encontros, os acadêmicos relataram o quão importante foi ler autoras mulheres que, outrora, eram desconhecidas pela maioria do grupo. Ademais, ressalta-se que as leituras foram significativas, uma vez que são obras contemporâneas que dialogam com o momento atual que os discentes (em sua maioria, jovens) vivem enquanto sociedade. Além disso, a proposta de ler autoras brasileiras ajudou na desconstrução do estigma social criado de que a literatura feminina brasileira é ruim ou, até mesmo, inferior à masculina já consagrada pela academia.

CONCLUSÃO

Diante do posto, verifica-se que a existência do projeto Leia Mulheres apresenta relevância social e acadêmica uma vez que busca romper com a barreira de exclusão feminina na literatura por meio do viés decolonial, visto que fomenta a discussão de obras de autoras brasileiras, especialmente de grupos sociais, comumente, estigmatizados.

Infere-se, portanto, que ao valorizar narrativas plurais e vozes historicamente silenciadas, o Leia Mulheres contribui para a construção de um espaço de leitura e reflexão mais diverso, que reconhece a legitimidade de outros modos de conhecer e existir no mundo, fortalecendo, assim, uma perspectiva decolonial.

REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial**. Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, n. 11, p. 89–117, nov. 2013.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GONZÁLEZ, Margarita. **Escritura y género**: el desafío de las escritoras latinoamericanas. Buenos Aires: Editorial Y, 2005.

MIGNOLO, Walter. **O pensamento decolonial e os saberes subalternos**. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 45–66.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107–130.